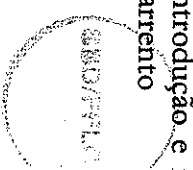


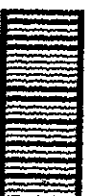
Johannes Bobrowski

Como um Respirar
Antologia Poética

Seleccção, tradução, introdução e
de João Barrento



TOMBO . . . : 36



SBD-FILCH

© Deutsche Verlags — Anstalt, Estrugarda, para os poemas
dos livros *Sarmatische Zeit* e *Schattenland Ströme*.

© Union Verlag (VOB) Berlin, Berlin Leste, para os poemas
dos livros *Wetterzeichen* e *Im Windgestrich*.

© Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1990.

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-9013-18-7

Cotovia

DIE SARMATISCHE EBENE

Seele,
voll Dunkel spät —
der Tag mit geöffneten
Pulsen, Bläue —
Die Ebene singt.

Wer,
ihr wogendes Lied,
spricht es nach, an die Küste
gebannt, ihr Lied:
Meer, nach den Stürmen,
ihr Lied —

Aber
sie hören dich ja,
tauschen hinaus, die Städte,
weiß und von altem Getön
leise, an Ufern. Deine
Lüfte, ein schwerer Geruch,
wie Sand
auf sie zu.

Und
die Dörfer sind dein.
Dir am Grunde grünend,
mit Wegen,
schmal, zerstoffenes Glas
aus Tränen, an die Brandstrat
gelegt deiner Sommer:
die Aschenspur,

A PLANÍCIE DA SARMÁCIA

Alma,
cheia de trevas, tardia —
o dia de pulsos
abertos, os tons azuis —
a planície canta.

A sua
canção a ondear, quem
a repete? Exilada
para a costa, a sua canção:
mar, depois dos temporais,
a sua canção...

Mas
elas ouvem-te,
põem-se à escuta, as cidades,
brancas e mudas de velhos
ecos, nas margens. Os teus
ares, odor pesado,
como areia
entrando por elas.

E
tuas são as aldeias:
Verdejando no teu fundo,
com caminhos
estreitos, vidros pisados
feitos de lágrimas, ao braseiro
dos teus verões encostadas:
o rastro de cinza,

da das Vieh geht
weich, vor dem Dunkel,
atmend. Und ein Kind
folgt ihm
pfeifend, es ruft
von den Zäunen
die Greisin ihm nach.

Ebene,
riesiger Schlaf,
riesig von Träumen, dein Himmel
weit, ein Glockentor,
in der Wölbung die Lerchen,
hoch —

Ströme an deinen Hütten
hin, die feuchten
Schatten der Wälder, unzählig
das helle Gefild,

da die Völker geschritten
auf Straßen der Vögel
im frühen
Jahr ihre endlose Zeit,

die du bewahst
aus Dunkel. Ich seh dich:
die schwere Schönheit
des ungesichtigen Tonhaupts
— Ishtar oder anderen Namens —,
gefunden im Schlamm.

quando o gado vai
mole, antes das trevas,
respirando. E uma criança
segue-o
assobiando, das cercas
a velha
chama por ela.

Planície,
sono imenso,
imensa de sonhos, o teu céu
distante, arco com sinos,
na abóbada as cotovias,
altas —

Rios descendo-te pelas
ancas, as húmidas
sombrias das florestas, sem conta
os campos claros,

quando os povos atravessavam
pelas rotas das aves
na primavera
o seu tempo sem fim

que tu guardas
feito trevas. Vejo-te:
a beleza pesada
da cabeça de barro desfigurada
— Ishtar de seu nome, ou outro —
encontrada na lama.

PRUZZISCHE ELEGIE

Dir
 ein Lied zu singen,
 hell von zorniger Liebe —
 dunkel aber, von Klage
 bitter, wie Wiesenkräuter
 naß, wie am Küstenhang die
 kahlen Kiefern, ächzend
 unter dem falben Frühwind,
 brennend vor Abend —

deinen nie besungenen
 Untergang, der uns ins Blur schlug
 einst, als die Tage alle
 vollhingen noch von erhellten
 Kinderspielen, traumweiten —
 damals in Wäldern der Heimat
 über des grünen Meeres
 schaumigem Anprall, wo uns
 rauchender Opferhaine
 Schauer betief, vor Steinen,
 bei lange eingesunkenen
 Gräberhügeln, verwachsenen
 Burgwällen, unter der Linde,
 nieder vor Alter, leicht —
 wie hing Gerücht im Geist ihr!
 So in der Greisinnen Lieder
 könt noch,
 kaum mehr zu deuten,

14

ELEGIA PRUSSA

Para ti
 uma canção
 clara de amor e raiva —
 mas sombria, amarga
 de mágoa, como ervas do campo
 molhada, como nas falésias da costa os
 pinheiros despidos, gemendo
 ao vento pálido da madrugada,
 ardendo à espera da noite —

a tua nunca cantada
 decadência que em tempos nos entrava
 pelo sangue, quando os dias todos
 vinham ainda carregados das claridades
 de jogos de criança, horizontes de sonho —
 então, nas florestas natais
 sobre o bater da espuma
 do mar verde, quando de nós
 se apossava o arrepio de ritos sacrificiais
 com fumo subindo dos bosques, de pedras,
 campos de terra há muito
 abatida, muralhas engolidas
 por vegetação, debaixo da tília
 vergada dos anos, leve —
 como pesavam de rumores os seus ramos!
 E também nas cantigas das velhas
 ecoa ainda,
 quase indecifrável,

15

Anruf der Vorzeit —
 wie vernahmen wir da
 modernden, trüb verfahren
 Nachhalls Resi!
 So von tiefen
 Glocken bleib, die zersprungen,
 Schellengeklingel —

Volk

der schwarzen Wälder,
 schwer andringender Flüsse,
 kahler Haffe, des Meers!
 Volk

der nächtigen Jagd,
 der Herden und Sommerfelde!
 Volk

Perkuns und Pikkoll,
 des ährenumkränzten Patrimpe!
 Volk,

wie keines, der Freude!
 wie keines, keines! des Todes —

Volk

der schwellenden Haine,
 der brennenden Hütten, zerstampfter
 Saaten, geröteter Ströme —
 Volk,

geopfert dem sengenden
 Blitzschlag; dein Schreien verhängt vom
 Flammengewölke —
 Volk,

vor des fremden Gottes
 Mutter im röchelnden Springtanz
 stürzend —

Wie vor ihrer erzenen
 Heernacht sie schreiet, aufsteigend
 über dem Wald! wie des Sohnes

o apelo de antes do tempo —
 como sentamos então
 os restos desses ecos
 a desfazerem-se em cores turvas!
 E também os fundos
 sinos, rachados, deixam
 um tilintar de guizos —

Povo

das negras florestas,
 de rios correndo a custo,
 de lagunas varridas, do mar!

Povo

da caça nocturna,
 de manadas e campos estivais!

Povo

de Perkun e Pikkoll,
 de Patrimpe com grinaldas de espigas!

Povo,

como nenhum, de alegrias!
 como nenhum, nenhum, da morte —

Povo

de bosques fumegantes,
 de cabanas a arder, sementeiras
 pisadas, rios avermelhados —

Povo

sacrificado aos raios
 fulminantes, o teu grito abafado
 por nuvens de fogo —

Povo

prostrado no estertor
 da dança guerreira diante da mãe
 do deus estranho —

Como ela avança à frente
 dos seus exércitos de ferro, elevando-se
 acima da floresta! E como a segue

Galgen ihr nachfolgt! — —

Namen reden von dir,
 zerrutenees Volk, Berghänge,
 Flüsse, glanzlos noch oft,
 Steine und Wege — —
 Lieder abends und Sagen,
 das Rascheln der Eidechsen nennt dich
 und, wie Wasser im Moor,
 heut ein Gesang, vor Klage
 arm — —

arm wie des Fischers Netzzug,
 jenes weißhaarigen, ew'gen
 am Haß, wenn die Sonne
 herabkommt.

o calvário do Filho! — —

Nomes falam de ti,
 povo esmagado, as encostas dos montes,
 rios, tantas vezes ainda sem brilho,
 pedras e caminhos — —
 Canções na noite e lendas,
 o resfolhar das lagartixas nomeia-te
 e, como a água no pântano,
 um cântico hoje, pobre de tanta
 lamentação — —

pobre como as redes do pescador,
 o das cãs brancas, eterno
 na laguna, quando o sol
 desce.